

PODER

Presidente não vê condições de um contato com líder norte-americano sobre tarifaço. E considera arbitrária forma como Brasil foi informado da sanção pela Casa Branca

Para Lula, diálogo com Trump é “humilhação”

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificou ontem como “humilhação” a possibilidade de ligar para o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com o objetivo de negociar um recuo no tarifaço de 50% a diversos produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos — que passou a vigorar ontem. Ele considera que não há, neste momento, uma abertura de negociação.

“Um presidente da República não pode ficar se humilhando. Respeito todos os presidentes e quero respeito. Estamos com os melhores negociadores (para falar com os EUA). Não tenho por que ligar para Donald Trump”, enfatizou Lula, em entrevista à agência Reuters, apesar de o presidente norte-americano ter comentado, na semana passada, que poderia conversar com o brasileiro.

No entendimento do governo, são necessários gestos para o diálogo diplomático para que ocorra um contato telefônico entre líderes de Estado. No momento, a única reunião entre representantes brasileiros e representantes da Casa Branca foi na semana passada, em Washington, entre o chanceler Mauro Vieira e o secretário de Estado Marco Rubio. Já o próximo

encontro entre representantes dos dois países está previsto para ocorrer dia 13, entre o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e o secretário do Tesouro norte-americano, Scott Bessent — que será por videoconferência.

Embora o governo tenha recorrido contra os EUA na Organização Mundial do Comércio (OMC) para combater o tarifaço, Lula afastou a possibilidade de retaliar os EUA com uma resposta à sobretaxa com base na lei da reciprocidade. “Não vou taxar (os produtos norte-americanos importados pelo Brasil) porque não quero ter o mesmo comportamento que ele (Trump). Quero mostrar a ele que quando um não quer, dois não brigam”, garantiu. Porém, fontes do Palácio do Planalto ressaltaram que uma reação na mesma intensidade só será usada em último caso, após falharem todas as tentativas de negociação direto e de entendimento por organismo multilaterais, com a OMC.

Lula enfatizou que as intenções do Brasil devem seguir na direção de uma relação civilizada com os EUA. “A nossa relação com o povo americano é boa, eu tenho boa relação com o movimento sindical dos Estados Unidos. Esses são os sinais que eu quero dar”, justificou, acrescentando que a prioridade do governo brasileiro, neste momento,

é ajudar as empresas a encontrar novos mercados para seus produtos e cuidar da manutenção dos empregos. O texto da medida provisória (MP) com as ações planejadas pela equipe econômica em resposta ao tarifaço deve ser apresentado até amanhã.

Autoritarismo

Para Lula, a comunicação do tarifaço por Trump foi feita de forma autoritária. “Não é assim que estamos acostumados a negociar”, afirmou, acrescentando que não é admissível que o presidente norte-americano resolva “dar pitaco” no Brasil.

“Não é uma intromissão pequena. É o presidente da República dos Estados Unidos achando que pode ditar regras em um país soberano como o Brasil. Não é admissível que os Estados Unidos e nenhum país grande ou pequeno resolva dar um pitaco na nossa soberania. Ele que cuide dos Estados Unidos, pois, do Brasil, cuidamos nós. Só tem um dono esse país, e só um dono que manda no presidente da República — é o povo. O povo que elegeu, o povo que pode tirar”, frisou.

O presidente também citou trechos da decisão de Trump que criticam a legislação brasileira sobre as big techs. “Esse país é soberano.

Tem uma Constituição, tem uma legislação. É nossa obrigação regular o que a gente quiser regular, de acordo com os interesses e a cultura do povo brasileiro. Se não quiser regulação, saia do Brasil”, disse. Lula salientou que pretende ligar para o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, e para o presidente da China, Xi Jinping, para tratar das sanções norte-americanas contra o Brasil.

“Vou tentar fazer uma discussão com eles sobre como cada um está dentro da situação, qual é a implicação que tem em cada país, para a gente poder tomar uma decisão”, disse Lula, lembrando que o Brics tem 10 países no G20, o grupo que reúne 20 das maiores economias do mundo.

Sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro — colocado em prisão domiciliar, na segunda-feira, por descumprir as medidas cautelares determinadas pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF) —, Lula cobrou que seja condenado como “traidor da pátria”. “Isso não tem precedente na história brasileira. Ele (Bolsonaro) e seu filho deputado (Eduardo Bolsonaro), que foi aos Estados Unidos para conspirar contra o Brasil. Ele deve ser condenado como traidor da pátria”, defendeu.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Um presidente da República não pode ficar se humilhando. Respeito todos os presidentes e quero respeito. Estamos com os melhores negociadores (para falar com os EUA). Não tenho por que ligar para Donald Trump”

É o presidente dos EUA achando que pode ditar regras em um país soberano como o Brasil. Ele que cuide dos EUA, pois, do Brasil, cuidamos nós. Só tem um dono esse país — é o povo. O povo que elegeu, o povo que pode tirar”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Encarregado dos EUA chamado à Câmara

A Comissão de Finanças e Tributação (CFT) da Câmara dos Deputados aprovou, ontem, o convite para o comparecimento do encarregado de Negócios da embaixada dos Estados Unidos no Brasil, Gabriel Escobar, para a prestação de esclarecimentos sobre o tarifaço estabelecido pelo governo de Donald Trump contra o Brasil. De autoria do deputado federal Guilherme Boulos (PSol-SP), o requerimento aprovado solicita explicações do representante norte-americano “acerca das declarações referentes à possível imposição de tarifas comerciais de até 50% sobre produtos brasileiros”.

O requerimento também menciona “recentes tratativas do governo norte-americano com autoridades brasileiras que não integram formalmente a estrutura diplomática nacional” e cita como exemplo o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Na sessão da CFT, o presidente do colegiado, deputado Rogério Correia (PT-MG), defendeu explicações sobre “o porquê de os Estados Unidos estarem agindo dessa forma, sendo que eles têm superavit comercial com o Brasil”. Ainda não há data marcada para o comparecimento de Escobar, mas, de acordo com Correia, há

uma previsão de que o encarregado compareça no dia 13 ou no dia 20 de agosto. O colegiado, porém, ainda está alinhando a questão com a embaixada dos EUA.

Independência

Já o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, defendeu, ontem, que o Brasil não seja dependente de apenas um país na área. A afirmação foi no Fórum Saúde, realizado pela organização Esfera Brasil e pela EMS Farmacêutica, ontem, em Brasília.

“Sem subserviência, sem diminuir o tamanho do nosso país,

dos nossos empresários, da nossa indústria, dos nossos pesquisadores, das nossas instituições. No mundo inteiro, ninguém quer ficar mais dependente de um país só, depois do que aconteceu na pandemia”, explicou.

Segundo o ministro, o tarifaço é uma “oportunidade” para o Brasil atrair pesquisadores e investidores com insegurança nos EUA. Além disso, Padilha afirmou que o governo deve continuar trabalhando com companhias de capital norte-americano que investem no Brasil.

» Leia mais nas páginas 7 e 8

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



A necessária busca do equilíbrio entre os EUA e a China

Se imaginarmos um triângulo ligando o Brasil aos Estados Unidos e à China, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva precisa traçar uma bissetriz entre os dois países que possibilite achar um ponto de equilíbrio e sair do impasse em que se encontra, a partir de relações bilaterais com o presidente Donald Trump, que hoje não existem, e com o presidente Xi Jinping, cada vez mais próximas. O multilateralismo, no curto prazo, não dá conta de evitar a escalada da crise.

Na geometria, um triângulo possui dois tipos de bissetrizes: internas e externas. Para não complicar a analogia, o que nos interessa aqui é o ponto de encontro das bissetrizes internas do triângulo. Imagine uma circunferência dentro do triângulo — seu centro é equidistante de todos os lados. Por isso, é chamado de “incentro”. Bissetrizes são traçadas com régua e compasso; na analogia política, é muito mais difícil achar esse ponto de equilíbrio e equidistância.

Ontem, Lula disse à agência de notícias Reuters que só pretende ligar para Trump quando sentir que há disposição real para diálogo. Até lá, não vai se humilhar por isso. Na mesma entrevista, anunciou que pretende debater o tarifaço com o Brics — grupo de países em desenvolvimento do qual o Brasil faz parte, junto com a China, a Rússia e a Índia, dentre outros. Lula e Trump nunca conversaram. Enquanto isso, a crise diplomática e comercial se consolida com a entrada em vigor do tarifaço de 50% sobre os produtos brasileiros.

A postura de Lula diante de Trump, expressa na recusa em “se humilhar” e na decisão de acionar a Organização Mundial do Comércio (OMC) e mobilizar o Brics, deve levar mais em conta a longa e complexa tradição da política externa brasileira, considerando ainda uma contradição interna que contrapõe o “iberismo” conservador e hierárquico, herdado do período colonial, ao americanismo democrático e igualitário que inspirou nossa modernização.

O ponto de sustentação da política externa brasileira deve ser a vocação universalista, multilateral e emancipatória, porém, sem perder de vista que somos uma nação — simultaneamente enraizada no Ocidente e protagonista do Hemisfério Sul, com o qual dividimos o passado colonial e a ambição do desenvolvimento.

Em um artigo recente, publicado na *Revista Política Democrática* (Fundação Astrojildo Pereira), o embaixador e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricúpero ressalta que, desde o século XIX, a relação Brasil-EUA tem sido marcada por uma assimetria estrutural. Ao mesmo tempo, revela que o Brasil sempre oscilou entre o desejo de reconhecimento como nação ocidental e o impulso autonomista.

Lula, ao colocar o Brics como eixo alternativo de diálogo diante da agressão tarifária de Trump, reafirma essa ambiguidade estratégica. Ele é coerente com a política externa independente inspirada nos governos Jânio Quadros, João Goulart e Ernesto Geisel, que marcaram a busca por autonomia na ordem mundial, sem abandonar os valores do Ocidente.

Regressão de valores

O que mudou? Ricúpero ressalta que o retorno de Trump ao poder representa uma regressão nos valores iluministas que os EUA legaram ao mundo. Sua retirada do Acordo de Paris e da Organização Mundial da Saúde (OMS), seu unilateralismo econômico e seu ataque ao sistema multilateral enfraquecem os princípios que tanto o Ocidente liberal quanto o Sul cooperativo valorizam. Lula, ao se recusar a aceitar o tarifaço como fato consumado e ao buscar apoio no Brics, rechaça esse “americanismo regressivo” e reivindica um novo equilíbrio, sem o servilismo ideológico de Bolsonaro. Mas isso não pode reeditar o antiamericanismo da Guerra Fria.

A autoridade internacional do Brasil precisa da legitimidade multilateral, da institucionalidade democrática e do prestígio dos fóruns plurais, como o Brics e a OMC — mesmo enfraquecidos. Mais “pragmatismo responsável” de Geisel e do chanceler do então general presidente Azeredo da Silveira, e menos alinhamento automático de Oswaldo Aranha. Embaixador nos Estados Unidos de 1905 a 1910, Joaquim Nabuco, porém, dizia que “não se fica grande por dar pulos”. Essa crise não se resolverá no gogó.

Havia um certo consenso nacional e continuidade em torno da política externa brasileira pós-redemocratização, a partir do governo de José Sarney, que restabeleceu as relações com a Cuba e a China. O ex-presidente Jair Bolsonaro rompeu essa tradição, alinhando o país aos EUA a tal ponto que chegou a bater continência para Trump, no primeiro mandato. Entretanto, por pressão dos interesses do agronegócio, teve que retroceder em relação às hostilidades com a China. Não à toa, Trump utiliza todo o poder dos EUA para anistiar Bolsonaro e livrá-lo da inelegibilidade e de condenações penais por tentativa de golpe de Estado.

Quando se olha a balbúrdia no Congresso, tomado de assalto pela bancada bolsonarista, há que se considerar que o posicionamento desses parlamentares a favor de Trump e do tarifaço não é estranho à nossa realidade: somos um país marcado por uma tradição ibérica de Estado forte e sociedade hierárquica, tensionada pela modernidade igualitária e democrática do Ocidente, da qual o modelo americano historicamente, até recentemente, foi a principal referência. A política externa de Lula precisa ser calibrada levando em conta essa equação.